

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



**NUN' ALVARES, O SANTO
CONDESTAVEL**

1918-1943

**Bodas de Prata da Beatificação
do Herói Nacional**

O Conselho da «Ala do Santo Condestável» vai reunir-se em breve a fim de estudar e elaborar o programa das comemorações do 25.º aniversário da Beatificação de Nun'Alvares, aniversário que ocorre, como é sabido, em fevereiro próximo.

A «Ala» espera trabalhar de acôrdo com a Venerável Ordem Terceira do Monte do Carmo, e confia em que as comemorações da Beatificação do Herói Nacional interessem tôdas as organizações católicas e nacionalistas do país, e de modo particular os sinceros e devotos condestabrianos.

A nação tem esquecido lamentavelmente o seu grande e santo Herói. Jaz em ruínas a grandiosa igreja que êle fundou, em honra da Senhora do Vencimento, e em acção de graças pelo brilhante triunfo de Valverde. Não há ainda na capital do Império uma estátua de Nun'Alvares, nem uma avenida ou praça com o seu nome. Não é feriado o grande dia de Aljubarrota...

Mas não o esqueçamos nós, católicos de Portugal, e aprestemo-nos, sincera e devotamente, para lhe prestarmos as devidas homenagens no aniversário do jubiloso dia em que a Santa Igreja decretou o seu culto público e universal, incluindo-o no catálogo dos Beatificados.

As Bodas de Prata da Beatificação de Nun'Alvares devem ser celebradas com alegria, entusiasmo e piedade, por todos os bons portugueses, em tôdas as dioceses do país. Nesta hora aflitiva e de tremendas ansiedades que a nação está vivendo, não nos esqueçamos de implorar fervorosamente a intercessão do Beato Nuno, para que êle nos alcance, com o seu valimento junto do Senhor e da Santíssima Virgem, tanto da sua devoção, a paz e a prosperidade da nossa querida Pátria.

Nota — Qualquer correspondência porventura destinada ao Conselho da «Ala» deverá ser dirigida para o largo da Graça, 64-1.º — Lisboa.

Cura extraordinária

realizada instantaneamente em Fátima na peregrinação de 13 de Maio de 1941, na pessoa de uma Senhora de Almodôvar, D. Assunção da Lança Palma, de 36 anos, casada, pertencente à Diocese de Beja

Começamos no número anterior a publicação do processo organizado na Cúria Episcopal de Beja sobre esta cura. Damos hoje o

Depoimento do Ex.º Sr. Dr. Manuel Trigueiros Sampaio — Beja

Beja, 16 de Junho de 1942
Ex.º Senhor Vigário Geral de Beja

Satisfazendo gostosamente o que V. Ex.º me pede em seu ofício de 8 de corrente mês, venho apresentar-lhe este pequeno relato dos factos passados em 12 e 13 de Maio de 1941 e relativos à Ex.ª Senhora D. Assunção da Lança Palma, casada, de 36 anos de idade, residente em Almodôvar, os quais vi e observei, por ter tomado parte na peregrinação desta

diocese, a Fátima, nesse mesmo mês e ano de 1941.

Inscrito para tomar parte na peregrinação a Fátima nesse ano, e devendo os peregrinos sair de Beja, em combóio especial, na manhã do dia 12, procurei como é natural, ver e cumprimentar as pessoas conhecidas que segulam na peregrinação, pois sabia que nela tomavam parte bas-

tantes da Diocese inteira, onde por motivo da minha vida profissional, conheço e conto famílias amigas e dedicadas.

Fui então informado, que na mesma carruagem em que eu seguia também fazia viagem uma Senhora de Almodôvar, em estado bastante precário de saúde, e de tal modo, que me pediram para a ir ver, visto que a pobre Senhora, aflitivamente se queixava de dores e pedia que lhe dessem uma injeção de morfina ou droga semelhante, regime em que há certo tempo vivia, e tanto assim, que as pessoas que a acompanhavam, traziam seringas e ampolas para tal fim.

Procurei a Senhora, e fiquei impressionado com o seu aspecto. Realmente não parecia prudente que levassem a Senhora D. Assunção da Lança Palma, em semelhantes condições até Fátima. Numa carruagem de 3.ª classe, sem conforto, a pobre Senhora bastante emagrecida, com aspecto de acentuado sofrimento, queixava-se de dor intensa e pedia instantaneamente, a costumada injeção que lhe daria algum alívio nas suas dores.

Deitada sobre o banco, não tinha forças nem ânimo para dizer outra coisa, que pedir a injeção. Fêz-se-lhe a vontade, e obtido certo alívio, continuou deitada.

Em Chão de Maçãs, deixou o combóio, seguindo para Fátima em automóvel, no qual entre outras pessoas, eu também fui. Foi difícil o transbordo em Chão de Maçãs, e o mesmo aconteceu em Fátima, saindo do automóvel ao colo para uma maca, que a transportou imediatamente a uma cama do Hospital do Santuário.

Já por essa ocasião a Sr.ª D. Assunção da Lança Palma, se queixava novamente e com mais persistência, das suas costumadas dores. É que havia já cerca de seis horas que tinha levado a injeção, e pretendia outra, como dizia estar habituada.

Procurei convencê-la a não a dar. Estava sempre deitada de costas, queixando-se sobretudo quando tentava algum movimento e pouco se alimentava.

Ao anoitecer as suas queixas tornaram-se maiores e não houve mais remédio que aplicar-lhe a injeção desejada. A noite passou-a no mesmo estado, e pela manhã, sempre deitada e sempre queixosa, desejava nova injeção.

Conyenci-a a esperar pela missa dos doentes. E lá foi, cheia de fé e de dores, dizia ela.

Ao receber a bênção, súbitamente se levantou, e as dores que dizia sentir, parece terem desaparecido, porque não mais se queixou, querendo andar e andando, desejando tudo ver, falando, enfim, dizendo-se curada!

Regressámos a Beja no mesmo combóio, mas agora a Senhora D. Assunção da Lança Palma, fazia a viagem como nós outros. Vinha sentada, e a sua natural satisfação e alegria não a deixava estar quieta. Palavra, comia, explicava a sua longa doença, e ao subir e descer para o combóio mal aceitava a ajuda que é natural prestar a uma Senhora, em tais condições. Em tôdas as estações lá estava ela à janela, rindo e agradecendo o interesse que todos os peregrinos vinham manifestando por ela.

(Continua na 2.ª página)

Peregrinação de Leiria

Apesar das dificuldades com que muitas pessoas lutavam para conseguir meios de transporte das suas terras à Cova da Iria, a peregrinação de 13 de Agosto não foi menos numerosa que as dos outros anos no mesmo mês.

Estavam presentes não só peregrinos da diocese de Leiria mas de tôdas as partes do País. Entre êles havia seis estudantes da Universidade de Coimbra, sócios do Centro Académico da Democracia Cristã (C. A. D. C.) daquela cidade, que fizeram todo o percurso a pé.

Os actos religiosos comemorativos das aparições realizaram-se na forma habitual.

No dia 12 à noite, Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria recebeu os peregrinos no átrio da Basílica do Rosário, dando-lhes as boas vindas.

As 10 horas, iniciou-se a procissão das velas e à meia-noite a adoração eucarística.

Durante a recitação do têrço, nos intervalos das dezenas, comentou os mistérios gozosos do Rosário o rev. dr. José Galamba de Oliveira.

As 6 horas da manhã, começou a Missa da Comunhão geral que foi celebrada pelo rev. dr. João Pereira Venâncio, professor no Seminário de Leiria. Comun-garam cerca de dez mil pessoas.

As 11 horas, efectuou-se o certâmen catequístico diocesano no átrio da Basílica. Obtiveram os primeiros prémios o menino Luís Maria Lopes Vieira de Oliveira Dias, Maria Isménia Dinis Martins, de Leiria e Maria Adelaide Coelho Rodrigues, do Juncal e o segundo prémio, a menina Arselina de Oliveira Jorge, da Urqueira.

O certâmen foi presidido pelos srs. Bispos de Leiria e Limira, assistindo muitos revs. Párcos, dr. Juiz de Direito de Pombal, médicos e muitas outras pessoas que seguiram com a maior atenção não só a exposição das crianças como a discussão entre elas.

Os Srs. Bispos tomaram parte no interrogatório.

Ao certâmen catequístico seguiu-se um côro falado por Rapazes da J. C. que ofereceram trigo para as Hóstias, 47 alqueires que cultivaram e esmolaram nas suas freguesias.

Rezou-se depois o têrço como preparação para a primeira procissão de Nossa Senhora. O cortejo, lindo e imponente, percorreu o trajecto mais longo, levantando cerca de meia hora a desfilar.

Celebrou a Missa dos doentes

todo o conjunto com as suas blusas azuis e as suas bandeiras a que se juntavam os estandartes e pendões das freguesias de Leiria.

Assistiu um numeroso grupo de membros da Arquiconfraria de Imaculado Coração de Maria de Lisboa, de que é Assistente Eclesiástico o venerando sr. dr. Cruz e Presidente a sr.ª D. Isabel Regina de Almeida.

Tomou parte nesta peregrinação o rev.º P.ª João Quaresma, antigo Vigário Geral da diocese e



Dia catequístico da Diocese de Leiria (13 de agosto de 1942)

Crianças que disputaram os primeiros prémios sob a presidência de Suas Ex.ªs Rev.ªs os Senhores Bispos de Limira e Leiria

Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Dom Rafael Maria da Assunção, Bispo titular de Limira, e fez a homilia o venerando Prelado de Leiria que explicou o Evangelho da Missa votiva de Nossa Senhora, recolhendo para tema as palavras: «Bemaventurados os que ouvem a palavra de Deus, e a cumprem!»

Foi o Senhor Dom Rafael quem deu a bênção a cada um dos doentes e depois a todo o povo.

Os doentes inscritos eram 185. Por sua vez, as raparigas da Acção Católica punham uma nota de mocidade e de candura em

sacerdote de grandes méritos e virtudes.

Terminaram os actos oficiais com a segunda procissão e a consagração de todos os peregrinos a Nossa Senhora junto da Capela das aparições.

Visconde de Montelo

Nota — No fim da peregrinação o sr. Bispo de Leiria recebeu o seguinte telegrama expedido da Ilha de S. Vicente, de Cabo Verde: «Lembrando saudosamente peregrinação diocesana estamos em Fátima aos Pés da Virgem Mãe implorando saúde e felicidades nossas famílias saudamos em Vossa Excelência Expedicionários da Diocese de Leiria.»

Se eu soubesse!!...

Adeus compadre. Então o que faz?

— Estou a entreter-me um bocadinho com a Voz da Fátima. É um jornal que nunca me cansa.

Sim, para mim é o melhor que há. Quando o apanho leio-o duas e mais vezes, porque é um jornal que toda a gente entende e não como os outros que são só para os doutores. Mas a dificuldade está em apanhá-lo!...

Quando, cá da terra, vai alguém a Fátima, recomendo e peço sempre que me tragam um jornalinho, mas, umas vezes esquecem-se, outras também não estão para maçadas, e, diga-se a verdade, agora já não é como antes, lá na Cova da Iria, porque dão muito menos jornais do que davam a princípio. E não sei porquê. É um jornal que faz tanto bem, torna Nossa Senhora conhecida e amada e era uma recordação. Ainda tenho guardados todos os que de lá trouxe.

— O compadre, está enganado! O jornal e muito mais lido agora do que quando era distribuído na Cova da Iria. Se bem que ainda lá o dão a quem o quiser, e adquire-se com mais facilidade, visto que o vêm trazer a nossas casas. A mim, por exemplo, trazem-me todos os meses aqui a casa e ainda antes do dia treze.

— Essa está boa!... Como é possível tal distribuição?

— É simples, por intermédio dos Cruzados.

— O que é isso?! Há tempos um jornal que me trouxeram da Fátima falava realmente nos Cruzados e que se inscrevessem nos Cruzados porque tinham grandes vantagens, mas depois não consegui o jornal do mês seguinte e fiquei sem saber de que se tratava.

— Isso é que foi pena! Os Cruzados da Fátima ou a Pia União dos Cruzados da Fátima é uma obra fundada pelos Senhores Bispos de Portugal e portanto uma obra muito boa. Já se estende por todo o país e tem as nossas Colónias. É dum bem incalculável.

O Cruzados têm nas freguesias os Chefes de Trezena, isto é, uma pessoa que tomou conta de treze outras pessoas, uma lista, e se encarrega de distribuir todos os meses o jornal a cada Cruzado e a receber a cota respectiva.

Vê, compadre, como é possível a distribuição?...

— Certamente para se entrar para os Cruzados e receber assim o jornal é necessário pagar-se muito?...

— Já o compadre está com medo do dinheiro!... Não sei para que o quere?! Olhe, dão-se apenas dois tostões por mês!

— Só dois tostões por mês e levam o jornal a casa?!...

— Sim, senhor. É assim mesmo e temos ainda muitas outras regalias.

— Oh que coisa!... E o que há-de fazer-se para pertencer aos Cruzados?

— É fácil. Se cá estivesse a minha filha ela tratava já de tudo, mas está para a reunião da Juventude. Fale às raparigas da Juventude e está tudo arranjado.

— Ah! então digo às minhas sobrinhas que também são da Juventude e uma é até da direcção.

— Está bem. O compadre já pode receber o jornal o mês que vem.

As suas sobrinhas nunca lhe falaram nos Cruzados?

— Já, mas foi há muito e eu não lhes liguei importância.

— Parece incrível.

— Sabe, compadre, é que eu nunca levei a bem essa questão da A. C.

— Tenha paciência. A A. C. de que os Cruzados são uma obra auxiliar, é providencial para os nossos dias. O alcance da A. C. é vastíssimo. E para não irmos mais longe basta ver-se o bem que podem fazer os membros da A. C.

— Mas, afinal, o que são os Cruzados?

— A obra dos Cruzados não consiste só em distribuir o jornal, e dum alcance moral e social muito maior.

— Não sei que mais se possa fazer com dois tostões que nem sequer chega para pagar o papel do jornal.

— Está enganado, compadre. Com os dois tostões de cada Cruzado têm os Senhores Bispos feito e sustentado uma obra grandiosa para as almas e para a sociedade. Ora espere, são horas da oração.

— E eu também lá quero ir, mas tenho que falar primeiro com o compadre Norberto.

Até logo. Na primeira ocasião o compadre há-de explicar-me melhor essa coisa dos Cruzados.

— Está dito. E vou dizer ao sr. Prior que fale dos Cruzados nas práticas da Santa Missa, porque muitas pessoas não entram por não os conhecer.

— Boa ideia. Isso seria o ideal! E estou convencido que toda a freguesia entraria para essa obra abençoada.

— Vamos a ver. Adeus.

— Adeus, compadre, até logo se Deus quiser.

Se eu soubesse há mais tempo!...

Cura extraordinária

(Continuação da 1.ª página)

O colete gessado que usava, creio que há certo tempo, e que lhe era indispensável, passou a incomodá-la, e insistentemente pretendia tirá-lo. Não o fez, a meu pedido, que receando o regresso das dores e anterior sofrimento, me pareceu mais prudente apenas tirar, quando em casa, com mais conforto e mais confiança nas melhoras.

Até Beja, veio a Sr.ª D. Assunção da Lança Palma, sempre bem disposta, vendo-se-lhe na fisionomia uma expressão em tudo diferente da que levava a caminho de Fátima, pois que, agora alegre e comunicativa, falava constantemente e alimentava-se sem dificuldade.

Não é fácil, logicamente, falar aqui, da doença ou doenças de que sofria a Sr.ª D. Assunção da Lança Palma, porque nunca fui médico desta Senhora e nem sequer a conhecia. Naturalmente procurei saber alguma coisa acerca desta Senhora, porque era do meu conhecimento que o meu Colega e Amigo, Sr. Dr. Covas Lima, acompanhara de perto a doença desta Senhora. Mas a este respeito, entendo que só, os assistentes podem falar.

Este ano, 1942, em Maio e em Fátima, tive o maior prazer em encontrar a Senhora D. Assunção da Lança Palma, a quando da peregrinação. Acompanhada pelo marido e bastantes pessoas da família e amizade, ela lá estava, alegre e feliz, de bom aspecto e mostrando boa saúde.

Disse-me continuar curada, estando a levar uma vida de perfeita normalidade, governando a sua casa, sem nunca mais se queixar, ou sentir os males que a atormentavam.

Devo ainda informar, que tendo eu este ano, como em anteriores, prestado serviço clínico no Hospital do Santuário, durante o decorrer da peregrinação, lá encontrei sempre, trabalhando como servita, a Sr.ª D. Assunção da Lança Palma, e que durante a noite de 12 para 13, tendo havido serviço constante e intenso de assistência a peregrinos doentes, esta Senhora, toda a noite trabalhou, sem um queixume ou desfalecimento, mostrando-se sempre, feliz e bem disposta.

Aqui tem V. Ex.ª, Senhor Vigário Geral de Beja, o que a minha memória recorda, acerca dos factos passados com a Sr.ª D. Assunção da Lança Palma.

Satisfazendo assim os desejos manifestados por V. Ex.ª, digno-se V. Ex.ª aceitar os mais respeitosos cumprimentos, do que se confessa

Am. Ven. e Obrig.

Francisco Nogueira Sampaio

A Vida maravilhosa de Nun'Alvares

que todo o português deve ler.

Preço 10\$00 — Gráfica — Leiria

O grande devoto de Maria Santíssima

POR BERTHA LEITE

Entre os maiores devotos da Virgem Nossa Senhora, salienta-se uma das maiores figuras de Portugal de todos os tempos: Santo António de Lisboa.

Várias vezes e em numerosos trabalhos de carácter histórico e religioso, temos encontrado esta afirmação que havemos também adoptado.

Mas qualquer nova informação nos é sempre benvinda.

S.º António, diz-nos o P.º Guyard, na sua «Vida», — foi heróico defensor dos dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção, fazendo muitas vezes penitência para desagravar a Mãe de Jesus e Rainha dos Anjos das blasfémias e dúvidas dos hereges e dos descrentes.

Conta-se até que uma vez demorando-se o Santo nas suas orações, lhe apareceu Maria Santíssima e ter-lhe-ia pedido que Ele ao menos não duvidasse nem descrese nunca, e que tornasse pública a verdade da sua Fé.

A nossa Mãe do Céu vinha acompanhada de grandes claridades e luminosas figuras de anjos...

Aqui deixamos comovidamente a formosa notícia de tão doce graça concedida ao maior franciscano português, a povoar de beleza a imagi-

nação de quantos conhecem apenas a visão de Santo António em Chateaufort-la-Forêt.

Andava então em peregrinação a pregar a lei de Cristo em Itália e França quando viu uma vez na sua cela aparecer-lhe e falar-lhe o próprio Jesus Mesino...

Toda a vida de Santo António é maravilhosa, edificante, exemplar.

Mas de todos esses exemplos a seguir, o melhor será sempre o da devoção à Mãe de Deus, Mãe de todos nós, que de forma tão enternecedora e particular, continuou sempre através dos séculos a proteger os maiores e os mais pequeninos dos seus filhos portugueses. Louvada e bendita seja!

Bibliografia de Fátima

Les Prodiges d'Apocalypse de la Vierge de Fátima, par l'Abbé Payrière, Curé de Bougival.

Para tornar conhecidas em França as Aparições de Fátima e a Mensagem de Nossa Senhora, o rev. P.º Payrière descreve em pequeno volume as graças que a Virgem Santíssima tem espalhado sobre o mundo inteiro. Na sua freguesia celebrou o Jubileu de Fátima e do Santo Padre.

A Mensagem de Fátima

Impressões, comentários e narrativas sobre a viagem da Imagem de Nossa Senhora a Lisboa, por Armando Vieira.

O Calendário mais lindo e mais interessante

é o calendário de Nossa Senhora da Fátima para 1943 cujo aparecimento deve causar enorme sensação em todo o país.

É executado a offset e ilustrado com esplêndidas gravuras.

Preço de cada exemplar 1\$00. Pelo correio 1\$30. A compra de mais de dez exemplares terá o desconto de 10%.

Dirigir os pedidos acompanhados da importância à Administração da «STELLA» — Cova da Iria — (Fátima), ou à Gráfica — Leiria

A nova e linda Estrêla do ano jubilar

Como o número especial da revista STELLA de Maio, destinado a comemorar as Bódas de Prata das Aparições de Nossa Senhora da Fátima, está já esgotado, sairá em Outubro novo número especial em que se publicará episódios inéditos da história da Fátima.

Este número, como o de Maio, será profusamente ilustrado e constituirá nova jóia literária e artística.

Preço do número avulso, 2\$50. Os pedidos, acompanhados da importância, podem ser dirigidos à Administração da STELLA — COVA DA IRIA.

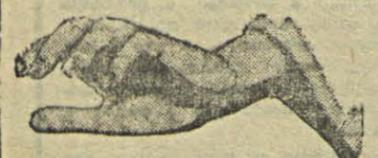
Encontrar-se-á à venda no Santuário da Fátima e nos principais estabelecimentos de artigos religiosos de Lisboa e do Porto.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPÁZIO

A venda nas ourivesarias.



A mão dum Santo

É para os crentes, o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lombago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus jeitos; entorses, torçôes, calambros e frieiras; dores dos pés (que se molestam com o andar) e tantos outros incómodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos tão incomodativos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Tubo 8\$50 — Bóia 13\$50

Agentes: José Bento Costa, Ld.ª

Rua do Arco do Bandeira, 156, 1.ª — LISBOA

Este número foi visado pela Censura

LEITE MATERNO

Não há nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Fresco, 20\$00 Nas boas Farmácias

O melhor vinho de missa

é o que se gasta no Santuário da Fátima.

Pedidos em garrações de 5 litros à Gráfica — Leiria



Basta um pouquinho de algodão com 1 ou 2 gotas



Chapinhans do as manchas feias e borbulhas



Num instante desaparecem para sempre

O REMÉDIO D. D. D.

A acção curativa e calmante do REMÉDIO D. D. D. tem efeito imediato porque, sendo um líquido antiséptico penetra na pele — nos locais onde a afeição se manifesta. Mata os germens nocivos e limpa os poros das impurezas que ocasionam as afeições. Por este motivo o REMÉDIO D. D. D. é de um valor inestimável para todos os casos de

ESPINHAS ECZEMA
ERUPÇÕES MORDEDURAS
FURÚNCULOS DE INSECTOS
ÚLCERAS COMICHÃO
VARIZES FERIDAS
INFECTADAS

E toda a variedade de doenças de pele.

A venda nas farmácias e drogarias

IMPORTANTE: Se preza a saúde e frescura da pele, use um sabonete extra-puro, o sabonete D. D. D.



Irritação insuportável



Aplique o remédio D. D. D.



O mal desaparece e a pele fica limpa

Graças de N.ª S.ª da Fátima

HISTÓRIA DUM CASTELO

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria da Conceição Freitas, Meadela, Viana-do-Castelo, diz: «Em meados de Fevereiro adoeci gravemente com muitas complicações, estando leitada no leito até Julho seguinte. A maior doença foi a febre tifóide. Foi examinada por cinco médicos e médicas, vindos de Porto, os quais afirmaram estar eu irremediavelmente perdida por estar também tuberculosa. A minha irmã Maria dos Prazeres Freitas, doeceu com a mesma doença em Abril. A minha família numa grande aflição lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora da Fátima e a Santa Teresa do Menino Jesus; e, feitas umas promessas, começamos a melhorar, encontrando-nos hoje inteiramente curadas e a fazer a nossa vida normal de trabalho. Graças sejam dadas a Noss.ª Senhora da Fátima que ouviu as nossas preces».

D. Clarisse Bastos, Lisboa, diz: «Tendo a minha criada um grande tumor num joelho, sendo necessária, segundo os médicos diziam, uma intervenção cirúrgica, recorremos a Nossa Senhora da Fátima fazendo-lhe uma novena e aplicando, todos os dias, sobre o joelho doente a água do seu Santuário. Desde logo principiou a melhorar e, no fim da novena, ficou completamente curada». Cheia de reconhecimento vem por este modo tornar público o seu agradecimento a Nossa Senhora.

D. Lusa da Graça, Varzea, Santarém, diz: «Tendo minha irmã Francisca da Graça sofrido uma enorme queimadura no peito do pé direito curou-se rapidamente, mas ficou sem poder andar, dizendo o médico que era provável que tivesse de ser operada, tendo para isso tirado uma radiografia. Cheia de confiança recorri a Nossa Senhora da Fátima prometendo, caso Nossa Senhora a curasse, tornar pública tal graça no seu jornalzinho e dar uma esmola de 50\$00. Era em Agosto de 1936; a radiografia nada acusou e minha irmã logo se sentiu curada, andando hoje sem dificuldade alguma».

D. Maria da Conceição Macedo, Vila-Real, sofria gravemente com uma pontada no lado esquerdo, durante um mês, sem poder fazer qualquer movimento tão fortes eram as dores. Consultando o médico, este disse-lhe que tinha necessidade de se sujeitar a uma intervenção cirúrgica. Desanimada com a medicina principiou uma novena a Nossa Senhora da Fátima e a beber algumas gotas de água do seu Santuário. Decorridos alguns dias da novena principiou a melhorar e obteve a cura completa do seu mal».

D. Joana de Sousa, Venda-da-Costa, Rio Maior diz que seu pai, António Júlio, sofria de uma úlcera na vista, sendo tal doença declarada incurável pelo seu médico sr. dr. Mougá, das Celdas-da-Rainha. Chetos de fé, recorreram a Nossa Senhora da Fátima, e, após alguns dias de oração, e de uso de água do seu Santuário, o enfermo ficou e encontra-se hoje completamente curado».

D. Virgínia Dias Miguel, Malhada-Sôrda, tendo seu pai gravemente doente com um antraz, encontrando-se em estado tão grave que diziam os médicos só por milagre poderia escapar, recorreu, cheia de fé e confiança, a Nossa Senhora sob as invocações da Fátima e da Mãe, titular da sua paróquia. Era em 13 de Setembro de 1937; no dia 14, vindo o médico ver o enfermo, ficou surpreendido com as rápidas melhoras que lhe encontrou. Hoje encontra-se completamente curado, graças à intercessão da Mãe de Deus».

Jesé Gomes do Horta, agradece a N.ª

Senhora da Fátima as melhoras do seu filho Albertino e envia 20\$00 como prometeu.

1-5-1942
Açoreira — Esmélio

Laurinda Ribeiro, Porto, agradece especial mercê recebida de Nossa Senhora.

Júlia Bandeira da Cunha, Coimbra, Gaia agradece a N.ª Senhora. Denérida Alves, agradece muito reconhecida a Nossa Senhora da Fátima uma graça. Tinha grande dificuldade em ser colocada efectiva em virtude de ter uma classificação muito baixa; cheia de fé recorri a Nossa Senhora prometendo ir à Cova da Iria e tornar público o reconhecimento.

Com o fim de obter esta graça implorei também o auxilio de Jacinta Marto.

Colmeias, 7 de Junho de 1942

NOS AÇORES

D. Ana Cardoso Pinto, Faial, diz que tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima, na noite de 12 para 13 de Novembro p. p., pedindo-lhe a cura da sua netinha Maria Teresa que sofria dum abcesso no pescoço, na noite a seguir a da supplica, recebeu o abcesso reconhecendo o médico um caso excepcional. Dai a alguns dias a criança encontrava-se completamente curada.

D. Maria da Conceição Rodrigues Miranda, Areias, Santa-Comba-Dão, diz que em Agosto de 1936 adoeceu seu irmão António, tendo um pulmão fortemente atacado e sobrevivendo lhe uma febre tifóide. Era gravíssimo o seu estado. Cheia de fé e confiança em Nossa Senhora da Fátima, a Ela recorreu, fazendo várias promessas pela cura do irmão, entre elas, a de ir a pé ao Santuário da Fátima, principiando logo uma novena. Deu ao enfermo algumas gotas de água da Fátima. No segundo dia da novena, o doente começou a melhorar. A febre principiou a descer consideravelmente; e, quando se propunha fazer um tratamento mais cuidado ao pulmão, este foi encontrado inteiramente curado, não sem causar espanto e admiração a todos e até ao mesmo médico, sr. dr. Manuel da Costa. Cheia de reconhecimento agradece a Nossa Senhora da Fátima tão grande graça».

D. Maria Zulmira Pereira da Silva, Pico, diz que sendo seu marido diabético, lhe apareceu um antraz no pescoço. Sujitou-se a três intervenções cirúrgicas, e decorridos dias após a terceira operação, apresentava a ferida tão mau aspecto, que o médico perdeu as esperanças da sua cura. Ela recorreu então a Nossa Senhora da Fátima, implorando a cura de seu marido. Nossa Senhora atendeu-a. O marido curou-se. Vem por isso tornar público o seu agradecimento à Mãe de Deus».

D. Maria Adelina de Sousa Garcia, Pico, diz que uma pessoa da sua família adoeceu com uma meningite tuberculosa julgando todos que não melhoraria mais. Fez então uma novena a Nossa Senhora da Fátima pedindo a cura do enfermo que, a faltar deixaria três orfaninhos na orfandade, tendo a mais nova apenas alguns dias de idade. Nossa Senhora dignou-se acolher tão sentida prece alcançando de Deus a saúde para aquele doente com o qual já se não contava».

NA ÁFRICA ORIENTAL PORTUGUESA

Manuel Fernandes da Graça, casado, de 35 anos de idade, morador na cidade da Beira, esteve internado no hospital desta cidade com um abcesso num pulmão de que foi operado sendo-lhe extraída uma costela. Esteve muito tempo com respiração artificial. Antes, a 4 de Julho p. p. tinha sido operado no fígado. Anteriormente ainda, em 1940 fora operado no estômago. Era extrema a debilidade a que chegou e foi considerado perdido, recebendo os últimos sacramentos. A família encomendou o enfermo a Nossa Senhora da Fátima pedindo que lhe alcançasse a saúde».

Nossa Senhora ouviu-os, pois o doente melhorou e encontra-se com ótima côr a ponto de quem o viu não o conhecer já. Está de perfeita saúde».

Agradecem graças diversas

D. Jacinto da Estrela Tavares, Bermuda (Açores).

D. Cremilde de Lourdes Chaves Melo, S. Miguel.

José Antonio Alves Teixeira, Mondim-de-Basto.

D. Lusa Isaura Belas, Ibidem.

D. Maria dos Remedios, S. José, Coimbra.

D. Maria Rufina da Siveira, Fajãdos-Vimes.

D. Maria Jose Ferreira da Silva, Lisboa.

D. Inês de Oliveira Sarmiento, Tavira.

D. Maria Rosa, Porto.

D. I. da Conceição Ferreira Landim, Famacião.

D. Alda Rocha Ferreira Carmo, Braga.

D. Francisca Rodrigues, Varge.

D. Beatriz de Sousa Matos, Vila-Real-de-Santo António.

Manuel Lopes Vila Verde, Arcos-do-Valdevez.

D. Maria José Cavalheiro, Viseu.

José Valente, Sernache-de-Bonjardim.

VOZ DA FATIMA

Despesas

Transporte	2.433.999\$39
Papel, comp. impr. do n.º 239	29.046\$25
Franq. Emb. Transporte do n.º 239	6.252\$82
Na Administração	300\$00
Total	2.469.598\$46

Donativos desde 15\$00

D. Felicidade Tavares, Lisboa, 20\$; D. Jacinta Estrela Tavares, Bermuda, 22\$00; D. Adelaide Canossa Vaz Pinto, Cucujães, 120\$00; Elisio Costa, Porto, 40\$00; Joaquim Manuel Martins, Porto, 40\$00; D. Maria H. do Carmo Taborda, Lisboa, 20\$00; D. Angelina Dias, Lisboa, 20\$00; Graciano Palhas, Alenquer, 20\$00; António Pinto-Lobão, Sande, 45\$00; Marquês de Rio Maior, Lisboa, 100\$00; João Germano da Mota Junior, Lisboa, 50\$00; D. Virgínia Lino Neto, Alvega, 20\$00; D. Maria de Sousa Pires, Salis, 20\$00; D. Brígida de Sousa Monteiro, Lourenço-Marques, 20\$00; D. I. Nazaré e Sousa, Ibidem 15\$00; D. M.ª Santana e Sousa, Ibidem, 20\$00; D. Alzira Rebelo, Ibidem, 15\$00; D. Inês Pinto, Ibidem, 20\$00; D. Sancha Monteiro e Sousa, Ibidem, 20\$00; D. Brígida Sousa Pinto, Ibidem, 20\$00; D. Cristalina Fernandes, Ibidem, 15\$00; Camilo Fernandes, Ibidem, 20\$00; João José de Melo, Ibidem, 30\$00; Salvador de Sousa, Ibidem, 30\$00; Santana de Almeida, Ibidem, 15\$00; Roque Fernandes, Ibidem, 15\$00; António Fernandes, Ibidem, 20\$00; Salvador Noronha, Ibidem, 15\$00; Joaquim Fernandes, Ibidem, 15\$00; Lourenço Fernandes, Ibidem, 20\$00; Tomás Aquino Fernandes, Ibidem, 20\$00; Luis Justiniano de Sousa, Ibidem, 15\$00; Lourenço Paulo Pinto, Ibidem, 20\$00; Viscondessa de S. Gyão, Lisboa, 20\$00; João Vasallo Santos, Alcanena, 50\$00; D. Mariana Pereira, V. P. de Aguiar, 40\$00; D. Ana Lagos, Porto, 20\$00; D. Rosa de Oliveira Lopes Ferro, Matosinhos, 30\$00; D. Emilia Cândida Mata de Jesus, Tramagal, 20\$00; Abílio Bandeira Dias, Alfena, 40\$00; D. M.ª do Céu Abreu e Lima, Viseu, 20\$00; P.ª Maria Nunes da Silva, Pico, 50\$00; Anselmo Alves Borges, Oete, 270\$00; D. Margarida Vieira Braga, Matosinhos, 50\$00; Teodomiro Guilherme Machado Graciosa, 20\$00; D. Clara Maria, Ilha do Corvo, 36\$00; D. Felicia Rosa-Diogo, C. da Rainha, 17\$00; D. Teresa de Jesus Melo, Rabo-de-Peixe, 20\$00; D. Ana Dores Cepêdo, Vimoso, 20\$00; P.ª Celestino Pinto, Espinho, 15\$00; P.ª Alípio Félix Machado, Nor-

— Vamos, Julinho, seja gentil com os primos... entretenha-os... Tem ainda tantos brinquedos lá em cima, vá mostrar-lhos! Quando o menino era da idade dêles e ia fazer alguma visita também gostava que o não deixassem aborrecer...

Nas lides dos grandes dias de festa, a velha criada afastou-se com uma bandeja entulhada de cristais, deixando os três pequenos a entreolharem-se nal dispostos.

No Júlio, certo ar de superioridade pelos seus nove anos e pelo resultado do seu primeiro exame com nesse dia se festejava: nos primos — cinco e sete anos — uns assomos de indignação que sem dúvida significavam:

— Lá por que é mais velho já não quere brincar com «a gente!»...

Mas as palavras da boa Joaquina traziam ao Júlio a recordação dos tempos felizes que passara no quarto dos brinquedos havia quasi um ano completamente abandonado e, talvez com o desejo — pouco louvável, mas desculpável — de maravilhar os olhos dos primos cujos pais não eram ricos, o pequeno tomou uma resolução rápida:

— Pois vamos lá acima! Andem daí!

Aberta a porta e a larga janela que dava sobre o telhado, todos três se lançaram avidamente sobre caixas e gavetas onde havia na verdade maravilhas de ciência e de arte ao serviço dos miúdos. O Júlio, porém, a cada passo, soltava uma exclamação de dolorosa surpresa ou de raiva. A traça, os ratos, o dolor, tinham causado em tudo os maiores estragos. O pêlo do urso branco e o do coelhinho preto que tinham sido, sucessivamente, os mimosos preferidos, caíam de todo, deixando aos bichos um aspecto miserável, repente... O elefante, estripado, trazia as lágrimas aos olhos do pequeno e à consciência um rebate.

Quantas vezes a Joaquina... Sim, porque a mãe sempre em festas e em visitas, e o pai, todo entregue aos negócios não o machucavam muito com ralhos e ainda menos com conselhos... Pois a Joaquina quantas vezes lhe tinha dito:

— O menino não sabe que é um pecado deixar estragar seja o que for que possa ser de utilidade ou dar alegria a alguém? Se já não quere saber desses brinquedos, e está bem, porque pode dizer-se que é já um homenzinho, porque não há-de dá-los aos seus primos e a alguns meninos pobres?

Mas ele enfiava-se só com a ideia de dar fosse o que fosse e a criada, depois de apelar para os patrões sem melhor resultado, foi-se desinteressando do caso.

O primeiro impulso do Júlio fora correr escada abaixo e fazer barulho porque lhe tinham deixado estragar as suas coisas. Deleve-o, porém, mais o orgulho que a consciência e, quando, duas horas depois chamaram as

três crianças para se prepararem para o jantar, disse para consigo enquanto os primos abandonavam os brinquedos com manifesto pesar:

— Deixá-los estragar! Não são para mim também não-de ser para mais ninguém!

Depois do jantar, que, apesar de mais demorado, ainda tinha terminado com uns restos de dia esplendoroso, todos se espatharam pelo jardim, sobraçando o Júlio um belo album com vistas e cenas do Reno que um tio, recentemente chegado do estrangeiro, lhe tinha ofertado mesmo no momento de se sentarem à mesa.

Num banco, em sitio onde havia mais claridade, desdenhoso do convívio dos primos e de outras crianças chegadas também à hora do jantar, o Júlio entregava-se todo à contemplação das formosas estampas.

— O tio — diz de repente — chegue aqui, sim? Que castelo é este aqui no meio do rio... Não se lhe vê uma única fresta... Como é que se podia viver lá dentro?... Mais parece um túmulo!

— Tens razão — respondeu o tio. Este castelo tem, como todos em geral, uma história, lendária ou não.

— Então, conte, tio, contel!

E, ao ouvir, falar em história todas as crianças vieram agrupar-se em torno do narrador, de olhos cravados no album.

— Conta-se que havia perto deste ponto do Reno — conheço o tio — um homem muito rico mas muito avarento que nada repartia, nem das suas roupas nem das suas colheitas. Ora na casa dêle os ratos eram tantos que tudo lhe comiam ou estragavam e não o deixavam sossegar nem de noite nem de dia.

Pelo pensamento do Júlio perpassaram os vultos do elefante estripado, do urso e do coelho, lamentáveis como botregos tosquidos de fresco, e ele não pôde deixar de exclamar:

— Ai os ratos! Que patifes!

Surpreendido o tio olhou-o fitamente:

— E os homens — e as mulheres e os meninos — que deixam roer pelos ratos ou estragar de outro modo o que pode aproveitar a quem tem frio e fome, como se lhes há-de chamar?

E como o Júlio corresse, atrapalhado porque todos se puseram a olhar para ele, o tio continuou:

— Então o homem mandou edificar este castelo para dêle se entrincheirar contra «s ratos, mas tudo foi em vão. Aqui mesmo o perseguiram e atormentaram e só a morte o libertou dêles — quem sabe para ter de se ir deifrontar com que inimigos... ainda de pior espécie... O desgraçado teve de fugir aos ratos porque fugia aos homens. Sepultou-se em vida, quando podia, pelas riquezas que a Providência lhe tinha confiado, ser feliz e consolar-se de fazer gente feliz...

Por sorte o dia acabava de todo e ninguém podia já observar a carita do Júlio. Os convidados saíam pouco depois e o pequeno passava uma noite pessima a sonhar com castelos, assaltados por ratos e um velho avarento de longas barbas e unhas adunças que morria solitário no meio das águas do Reno...

De manhãzinha, mal acordou, chamou a velhota que, a bem dizer, fora quem o criara e disse-lhe:

— Olha, Joaquina, quero pedir-te um favor. Logo que possas vai lá acima, ao quarto dos brinquedos... que andam lá muitos ratos... e tira tudo dall... Dá-os aos primos, ou a quem tu quiseres!

M. DE F.

CRÓNICA FINANCEIRA

Quem viveu os tempos revoltos e difíceis da outra guerra, lembra-se ainda da febre de negócios que invadiu todas as classes sociais e a desordem que se apoderou dos preços... As coisas, a. por 1920, começaram a subir sem péso nem medida e os compradores viam-se e desejavam-se para se entenderem no meio daquela barafunda. Lembrou-me de que um dia, no regresso de Lisboa a Coimbra, numa carruagem apinhada de gente (era então difícil arranjar lugar em qualquer combóio) se falava sobre preços e carestia da vida. Como certo passageiro dissesse que o que mais o afligia, era ter perdido o sentido do caro e do barato e já não saber se lhe pediam muito ou pouco quando entrava numa loja a comprar qualquer coisa, eu disse-lhe. Realmente as mercadorias subiram tanto de preço que tudo nos parece coríssimo. Mas para mim tenho um processo de grande utilidade e é o seguinte: Quando quero comprar qualquer coisa, um chapéu, por exemplo, vejo qual seria o seu preço antes da guerra — cinco escudos, digam... Multiplico por 4 e dá 20. Se na loja me pedem mais, digo que é caro e vou a outra. Se me pedem menos, digo que é barato e compro. O multiplicador é hoje 4, mas amanhã será 5, depois 6, etc. É preciso ir avançando com os tempos...

Como disse isto em ar de graça, os meus companheiros de carruagem riram, mas a verdade é que eu procedia assim em todas as minhas compras.

E se era grande a confusão para quem comprava, não era menor a de quem vendia. Pelo mesmo tempo, um

respeitável cavalheiro beirão da minha maior simpatia e amizade e de quem guardo ainda viva saúde, procurou-me para me dizer que lhe tinham oferecido 200 contos (quantia enorme para o tempo) pela sua propriedade de tal (que era uma afamada quinta da Beira Alta) e que gostava de ouvir a minha opinião sobre o caso. Respondi-lhe que se a quinta fosse minha, a não vendia por 200 contos nem por dinheiro nenhum.

— Mas porquê? retorquiu aquele meu saudável amigo muito intrigado.

É o dr. a primeira pessoa que me disse que não venda!

— O que os outros lhe têm dito não sei. O que eu lhe digo é que não venda e por duas razões: A 1.ª é que, recebido o dinheiro, não saberá o que lhe há-de fazer. A 2.ª é que os 200 contos que lhe oferecem, já não são hoje o que o senhor julga. O senhor está a avaliar o dinheiro pelo que ele era antes da guerra e ele hoje é muito outro. Os 200 contos de hoje são apenas 50 de antes da guerra. E amanhã podem vir a ser apenas 20 ou 10 ou ainda menos. A quinto, isso é sempre a mesma...

O meu velho amigo ficou uns momentos silencioso e pensativo. Estou a vê-lo, alto, forte, linhas distintas de antiga fidalguia, passeando vagorosamente na sala. Do fio do seu pensamento pendia, naquele instante, uma boa parte da sua fortuna. E por isso não foi sem emoção e ansiedade que o vi parar, voltar-se para mim e dizer:

— Tem razão, Dr. O dinheiro é papel e a quinta é sempre a quinta! E não vendeu.

Pacheco de Amorim

PALAVRAS MANSAS

POBRE COLEGA!

Como a vida ensina e desengana! Como é fértil, até o fim, em ilusões e surpresas!

Conhecemos, em plena juventude, uma pessoa, sobre a qual se abateu um dia, súbitamente, uma desgraça tremenda.

Levaram-na logo depois para muito longe de nós e rodaram anos, dezenas de anos, sem que alguém nos desse notícias dela.

Sucedeu o que aliás era de esperar de nós e da acção do tempo. Ficou-nos apenas a sua memória a delir-se dia a dia, o seu nome e pouco mais... É uma sombra vaga e fugidia, muito parecida com a sombra dos que morreram.

A desgraça irremediável foi para ela o crepúsculo da algida noite sem fim...

Até que um dia os jornais trazem-nos a notícia de ter falecido recentemente essa pessoa. Que revelação surpreendente!

Vivia ainda, e era para nós como já morta. Desceu enfim à sepultura depois de uma sobrevivência inteiramente inesperada e desconhecida. Como que morreu duas vezes...

Fêz-me pensar e sentir tudo isto o falecimento do padre Abílio Acácio da Conceição Guerreiro, bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, oriundo de Monção, freguesia de Longos-Vales, onde houve um mosteiro de cruzes que dizem contemporâneo da fundação da monarquia.

Conheci-o em Lamego professor do Seminário de Jesus, Maria e José por convite e proposta do Bispo D. António da Trindade de Vasconcelos Pereira de Melo, que foi um dos padres do concílio do Vaticano. Veio para lá juntamente com os seus discípulos José Alves de Matos, mais tarde arcebispo de Miltenê e Pessinonte, e Moreira Júnior, que morreu cônego e arcebispo de Guimarães.

Lembra-me ainda que eram todos três hóspedes do dr. Gama, homem de viva fé e fino trato, que tinha um grande prestígio na cidade. A casa nobre, no bairro de Santa Cruz, espaçosa e tranqüila, defrontava com o Colégio de Lamego, fundado e dirigido pelo padre António Roseira, que atravessou a vida com uma grande provisão de virtude, de bondade e de latim.

O dr. Abílio Guerreiro, que se formou em 1884, pertencera a um curso excepcionalmente distinto, que dera à Faculdade três lentes: — Francisco Martins, Porfírio da Silva e António de Vasconcelos. Deu-lhe três lentes, como poderia dar-lhe quatro, se o mais talentoso dos discípulos, Pedro Sanches, fosse mais adaptável e também mais submisso.

Muito novo ainda, alto e magro, de boa aparência, levemente trigueiro, com um ar tímido e cândido, o dr. Abílio Guerreiro era para os rapazes do Seminário um São Luís de Gonzaga.

Inteligente, estudioso e bom, confiando nos outros talvez mais ainda do que confiava em si próprio, nas aulas, quando chamava um aluno desprevenido, em branco, dava logo mostras de uma inquietação dolorosa e compadecida. Velava o rosto com as mãos, ruborizado por um pejo acadêmico, que o aluno estava longe de sentir.

No epílogo da tragédia, quero dizer, da má lição, tinha uma sensação de alívio e um misericordioso silêncio. Só uma vez, muito contrariado, repreendeu por esta forma um aluno mais remisso: — «sr. F., uma lição de Teologia mal se pode dar convenientemente sem ter lido pelo menos o compêndio».

Diga-se, porém, em abôno da verdade, que os abusos eram raros e raros e sem ambiente, tão bom e querido ele era.

Conhecia bem os seus discípulos, de habituado que andava a ouvi-los e a ser ouvido por eles.

Professor de Mons. Manuel Marinho, o inolvidável publicista e director espiritual do Seminário do Porto, disse com segurança a alguém que lhe

preguntou por ele: — é uma água.

Até que um dia, aí pelo ano de 1888, correu pela cidade a notícia de que o dr. Abílio Guerreiro havia, súbitamente, enlouquecido. Que mágoa, que funda mágoa para o Prelado, para os colegas, para os discípulos, para todos!

Acompanhado por um seminarista, saiu pouco depois de Lamego com destino a Braga, onde o seu discípulo Pedro Sanches, então vice-reitor do Seminário conciliar, o entregou aos cuidados amoráveis e insuportáveis da família consternada.

Uma alma enoitecida, uma razão apagada, uma vida em flor toda em ruínas!

O internamento no Hospital do Conde Ferreira, bastante demorado, resultou tão dispendioso, como inútil e vão. O mal era sem remédio.

Nunca mais voltou a Lamego o dr. Abílio Guerreiro.

Filho de uma família considerada e com bens de fortuna, materialmente não lhe faltou nada. Também lhe não faltaram cuidados afectuosos e compadecidos, primeiro de irmãs e depois de uma sobrinha, que o trataram com solicitude e carinho.

Contou-me o meu prezado colega, Conselheiro Caetano Fernandes, também oriundo de Monção, que o dr. Abílio Guerreiro, quando lhe morreu a irmã mais nova, chorava desfeitamente, como se o sangue, o instinto, talvez um derradeiro lampejo da razão lhe dissesse que ia ficar mais só e desventurado...

Que destino! Mais de cinquenta anos em trevas, à margem da vida, como que na terra de ninguém!

As razões dos designios de Deus são muita vez insondáveis. Digamos, pois, com Bossuet, humildemente: Ele as sabe e nós as ignoramos. Como aquele grande orador que dizia acreditar na justiça mesmo quando a não via, acreditemos sempre na bondade de Deus, mesmo quando os homens de pouca fé cedem à tentação de duvidá-la.

Para o dr. Abílio Guerreiro serviu de viático a última missa que celebrou em Lamego.

Seja Deus com a sua alma que se foi deste mundo com sinais de martírio e de paixão, como diz um poeta nosso! Tenha Deus a sua alma em bom lugar, torno a dizer, porque, para mim, o pobre desventurado como que morreu duas vezes.

PALAVRAS DE UM MEDICO

Produzir e poupar

Há cerca de meio ano, comecei a desenvolver-se uma propaganda tenaz a fim de evitar a fome, sinistra companheira da guerra e da peste.

Produzir e poupar! — aconselhava a imprensa de todo o País; Produzir e poupar! — gritavam as emissoras rádio-telefónicas; Produzir e poupar! berravam cartazes colados em todas as esquinas.

E o povo português, habitualmente indisciplinado, desta vez aceitou o conselho e obedeceu.

E, em plenos jardins das cidades, apareceram jornaleiros a plantar batatas e, por toda a parte, se viam meninas da melhor sociedade a criar coelhos.

O movimento preconizado pelo Ministério da Economia tornou-se deveras simpático, pela maneira como se generalizou.

O aumento da produção foi uma obra meritória e altamente patriótica. Já não digo o mesmo a respeito do mandamento: poupar!

A economia é grande virtude, mas deve ter limites.

Será lícito poupar na alimentação e no tratamento dos doentes e das crianças?

Na propaganda contra os excessivos gastos entrou o conselho, buzina do por toda a banda, no sentido de poupar o sulfato de cobre. Havia dezenas de anos que a experiência demonstrara ser necessário empregar o sulfato em certa dose, para evitar a moléstia das videiras.

Pois este ano, como o sulfato era pouco, deu-se aos lavradores o péssimo conselho de reduzir a metade a dose do remédio. O resultado não se fez esperar: a linda nasença do vinho desapareceu quasi por completo, deixando no desespero os crédulos lavradores do Minho.

A economia deve ter limites. Vão-se os anéis e fiquem os dedos!

J. A. Pires de Lima

A CARA METADE

Toda a gente vinha impressionada com aquele entêrro. Coisa mais triste, mais só, há muito que se não fazia na freguesia. A frente uma cruz com dois castiçais, um sacerdote e atrás do caixão só meia dúzia de pessoas.

De volta do cemitério, o pároco, ainda novo na freguesia, abeirou-se de uma velhinha, única em quem se viam sinais de lágrimas, e perguntou:

— Era-lhe alguma coisa este morto?

A mulher retirou o lenço da cara e respondeu com uma voz muito sumida:

— Era sim, senhor. Não do sangue, mas da alma. Ajudei-o a criar de pequenino e tinha-lhe amizade. É verdade que ele fez como as feras que depois mordem em quem as cria... Mas deixá-lo... Eu tinha-lhe amizade...

Dos seus olhos sumidos e baços estenderam-se de novo duas lágrimas. O pároco tornou:

— Mas ele não tinha amigos? Veio a enterrar tão abandonado!...

— Amigos teve-os em tempo, mas depois acabaram-se. Os bons desprezou-os e os maus desprezaram-no a ele.

— Então o exemplo do filho pródigo não foi só para o tempo de Nosso Senhor, foi também para os nossos dias. Pródigos há-de havê-los sempre porque os homens são sempre os mesmos. Sempre haverá perigos e fraquezas e quem se não guarda... cai.

As palavras do sacerdote pareciam àquela mulher idosa um eco do que ela, havia muito tempo, pensava. Olhou-o num relance fugidivo como quem se envergonhava de a olharem e acenou a cabeça em sinal de aprovação.

— Sabe, senhor, ele era um anjo; mas desde que casou, Deus lhe perdê... Bem o retiraram daquela mu-

lher, mas foram palavras ao vento. Ele porfiava que a havia de fazer uma santa e ela não ia muito fora disso, fazia ver, é claro, Coitado, bem o enganou.

— Mas era ele sempre que mandava, como é que se deixou dominar?

— Ora, as mãos aquecem-se uma com a outra e o amor puxa mais que corda. Passado pouco tempo, tal um tal outro. Ele pior do que ela. Perdeu a fé, perdeu a vergonha, perdeu os amigos porque não consentia que o censurassem; perdeu a fortuna porque morreu na miséria e, pior do que tudo perdeu a graça de Deus...

— Mas ela não era pessoa de bons sentimentos?

— Nada disso. Nunca os teve, senão também lh'os não roubaria a ele. Foi educada sem religião e até sem pudor. Sempre de cabeça alçada o que a mãe queria era casá-la. Uma doidona, uma doidona. Bateram ambos com a cabeça na desgraça mas já foi tarde.

— E ela já morreu?

— Ela comeu-lhe os olhos e fugiu. Não se sabe dela. Quando tudo lhe começou a cheirar a miséria e a esturro porque ninguém a via com bons olhos, abalou. Abalou mas deixou rasto. Só então o homem caiu em si. Mas era tarde para começar vida nova. Deus vinga as levandades deste mundo sem pau nem pedra.

Sabe, senhor padre, as mulheres são em geral mais cautelosas do que os homens na escolha dos noivos, para os homens qualquer coisa lhes serve. Julgam que a mulher há-de ser um instrumento dócil nas suas mãos, mas isso foi tempo!

Eu dava razão àquela velha e compovia-me ao pensar na levandade com que os rapazes de hoje seduzidos por aparências enganadoras se cegam na escolha daquela que há-de ser a mãe dos seus filhos e a metade da sua alma e do seu corpo.

L. P.

CRUZADOS DA FÁTIMA

Necessitando os chefes de Trezenas dos «Cruzados da Fátima», de qualquer esclarecimentos acerca dessa mesma obra, de alterações a fazer, novas trezenas a organizar, número de jornais a pedir, ou a dispensar, etc., devem dirigir-se aos Revs. Directores Diocesanos da mesma «Pia União dos Cruzados da Fátima», o mais tardar, até ao dia 19 de cada mês, allás não serão prontamente atendidos.

TIRAGEM DA «VOZ DA FÁTIMA»

NO MÊS DE AGOSTO

Algarve	5.539
Angra	20.464
Aveiro	8.859
Beja	3.852
Braga	76.713
Bragança	12.180
Coimbra	14.541
Évora	4.799
Funchal	13.589
Guarda	18.719
Lamego	11.579
Leiria	14.411
Lisboa	13.018
Portalegre	12.004
Porto	51.984
Vila-Real	24.190
Viseu	9.970
<hr/>	
Estrangeiro	316.411
Diversos	3.491
<hr/>	
	335.756

ANO JUBILAR DA Sagração do Santo Padre

O Santo Padre concedeu por Motu Proprio, de 12 de Maio de 1942, ano jubilar da sua Sagração e que termina a 13 de Maio de 1943, «a cada um dos Sacerdotes aprovados o privilégio pessoal de poderem aplicar a indulgência plenária todas as vezes que celebrarem o Santo Sacrifício da Missa, a uma alma do fogo do Purgatório».

(Acta Apost. Sedis, vol. XXXIV, pág. 163)

EM OUTUBRO

compre a 3.ª edição da

JACINTA

acrescentada com lindos pormenores inéditos e o segredo das videntes

Preço 10\$00

PEÇAM no Santuário da Fátima as medalhas em prata e ouro comemorativas do Ano Jubilar, assinadas pelo escultor João da Silva